

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: LIONEL SOUKAZ
23 de setembro de 2025

AUTOPORTRAIT / 2002

um filme de LIONEL SOUKAZ

Realização, argumento, fotografia, montagem: Lionel Soukaz / *Canção:* “Au coeur de l’amour” de Valérie Lagrange / *Com:* Lionel Soukaz, Pouria Hosseinpour, Guy Hocquenghem

Produção: Lionel Soukaz (França, 2002) / *Cópia:* digital, cor, sem diálogos / *Duração:* 8 minutos.

LA RACE D’EP / 1979

um filme de LIONEL SOUKAZ e GUY HOCQUENGHEM

Realização e argumento: Lionel Soukaz e Guy Hocquenghem / *Fotografia:* Jérôme de Missolz, Lionel Soukaz / *Montagem:* Lionel Soukaz / *Som:* Jean-Michel Dupuis / *Interpretação:* Elizar Van Effenterre (Barão Von Gloeden), Pierre Hahn (Magnus Hirschfeld), Piotr Stanislas (americano, SS), Gilles Sandier, Pierre Stone (clientes), Jean Demélier, Yves Jacquemard, Jean-Michel Sénécal (Assistentes de Hirschfeld), Claire Amiard (secretária), Betty (transsexual), Adeline André (secretária), Michel Journiac, Hunks Clements.

Produção: Lionel Soukaz para Little Sisters Production / *Cópia:* digital (a partir de suporte em 35mm), cor, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 84 minutos / *Estreia:* 24 de outubro de 1979, França / *Primeira exibição na Cinemateca:* 22 de setembro de 2020 (“Sessão Especial Queer Lisboa”)

AUTOPORTRAIT

Filmado em Super8, o suporte dos filmes domésticos, **Autoportrait** afirma – logo a partir da sua materialidade – a sua dimensão caseira e intimista. Como o título anuncia, trata-se de um autorretrato, mas o gesto não é (de todo) o da pintura: trata-se de um autorretrato em movimento de um homem no seu contexto. É, portanto, como todos os (auto)retratos, uma imagem situada num tempo e num lugar: França, 2002. Ou seja, pós-11 de Setembro e nos alvores da Guerra do Iraque, mas também da reivindicação social que levou para as ruas milhares de franceses que lutavam por melhores condições de trabalho e de vida. A câmara de Soukaz está próxima do registo diarístico e, na montagem sincopada e na instabilidade dos quadros, faz lembrar o cinema de Jonas Mekas. Assim, o pessoal e o social fundem-se (e confundem-se), e daí, dessa justaposição, emerge a silhueta de um homem político, onde a intimidade dá corpo à luta e à reivindicação. A câmara oscila entre o rosto do próprio realizador – filmado como caos de formas e cores – e as manifestações que enchem a cidade de cartazes e punhos cerrados. Entre uma coisa e outra, despontam imagens de trabalhadores (da construção civil, nas pausas) e de um jovem rapaz, Pouria Hosseinpour, que devolve o olhar sedutor da câmara. O tumulto desordenado das filmagens ecoa na canção de Valérie Lagrange (“Já não podemos viver sem amor/ Estamos perto do dia em que ele terá de quebrar/ No coração do amor é só ali que está o nosso lugar”), isto é, ecoa o fim das coisas, um ponto limite, um ponto de rutura. E o próprio filme, com o fim da canção, trata da sua própria destruição. O som dissocia-se da imagem, a interrupção torna-se operativa, a montagem torna-se centrífuga (“Ma mère”, de Georges Bataille), o silêncio toma conta da banda de som, o luto assume-se como estado de alma (as imagens de arquivo de Guy Hocquenghem, o preto e branco, as bandeiras dos EUA em chamas) até que, por fim, a própria película se acaba e sobra apenas a luz do projetor.

Ricardo Vieira Lisboa

LA RACE D'EP

Em 1979 Guy Hocquenghem associa-se a Lionel Soukaz e ambos realizam **La Race d'Ep**, um filme estruturado em quatro partes que oscilam entre o documento e a ficção, muito influenciado pelos estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade (que com outros intelectuais de então se insurgiu contra a censura deste filme) e pela cultura homossexual da época. Embora seja hoje um termo em desuso, “Race d'ep”, enquanto jogo de palavras invertidas, significa “pederasta”, desenhando o filme uma reconstituição muito livre de uma “história da homossexualidade” ao longo do século XX.

Começando no início do século com os nus fotográficos do Barão Wilhelm Von Gloeden, alemão radicado na Sicília; passando pela afirmação de uma cultura homossexual entre as duas guerras na Alemanha e as investigações de Hirschfeld sobre o “3º sexo”, antecipando-se o posterior extermínio dos homossexuais nos campos de concentração nazis; as duas últimas partes de **La Race d'Ep** culminam na contracultura dos anos sessenta – “o tempo das minorias felizes” e do “paraíso psicadélico” – e numa história de engate nos cafés e ruas de Paris na viragem para os anos oitenta. Capítulos cuja descrição anuncia em si mesma a heterogeneidade do filme.

Na altura em que realiza **La Race d'Ep** Lionel Soukaz era conhecido como um dos cineastas franceses mais activos da “causa homossexual”. Embora houvesse sobretudo realizado até então um conjunto de filmes em Super8 com uma componente diarística muito forte destinados necessariamente a um público mais reduzido e marginal, teve um papel importante na dinamização de vários festivais de cinema homossexual. Guy Hocquenghem (1946-1988), por seu lado, era jornalista no *Libération* e escritor, tendo já publicado um romance co-assinado por Jean-Louis Bory intitulado “Comment nous appelez-vous déjà”. Livro que narrava a passagem de um turista americano pela noite homossexual parisiense, que, como os seus autores, participava de uma cultura crítica ao movimento homossexual que procurava fazer o seu enquadramento teórico, reflectindo sobre as dinâmicas do desejo associadas a uma cultura gay na sua relação com a própria sociedade capitalista.

Curiosamente, o próprio Guy Hocquenghem interpreta em **La Race d'Ep** o papel do homem mais velho que procura seduzir o turista americano no bar “Royal Opéra”, no último capítulo do filme. Numa entrevista à revista *CinémaAction* datada de 1981 Hocquenghem dá-nos mais pistas sobre alguns dos propósitos concretos do filme ao descrever o medo de envelhecer que anima a sua personagem: “o medo de ‘envelhecer mal’ é efectivamente um tema lancinante numa cultura fundada sobre a estandardização corporal.” Um medo representado num filme que, como ele próprio confessa, é motivado pelo duplo desejo “de informação e de expressão” num contexto em que o cinema “apenas dava uma imagem extremamente estereotipada, parcial e hostil da homossexualidade”.

Tudo de joga num filme bastante complexo que procura apresentar elementos históricos ao mesmo tempo que erotiza a narrativa, e em que ao jogo de palavras do título corresponde o carácter lúdico de um jogo de imagens e uma oscilação permanente entre uma dimensão individual e uma dimensão mais colectiva. Há várias vozes que nos guiam por entre uma profusão de imagens mais ou menos heteróclitas consoante as partes do filme e, se numas sobressai o desejo de ficção, noutras sobressai uma vertente mais documental, mas em todas elas está presente um registo de paródia que prevalece sobre a exactidão da reconstituição, o que confere uma riqueza única a **La Race d'Ep**. Tal é sobretudo evidente no primeiro capítulo dedicado aos “Anos da pose”, perdendo-se em grande parte do último, o capítulo mais assumidamente ficcional e, quanto a nós, o menos conseguido, não resistindo de todo à comparação com a vitalidade e a irreverência do primeiro.

Como tão bem assinalou o crítico Louis Skorecki num artigo dos *Cahiers du cinéma*, trata-se simultaneamente de uma “História da homossexualidade e da homossexualidade em histórias” que assenta precisamente numa “confusão de géneros” em que é difícil fazer a abstracção. Uma confusão que, como ele avança ainda, o “desejo [enunciado] designa e salva”.